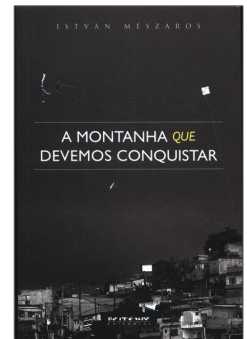


Sobre *A montanha que devemos conquistar. Reflexões acerca do Estado*, de István Mészáros

Cristina Paniago
Universidade Federal de Alagoas – Brasil

Reseña de Mészáros, István, *A montanha que devemos conquistar. Reflexões acerca do Estado*. Traducción de Maria Izabel Lagoa; revisión de Nélio Schneider. San Pablo: Boitempo (Coleção Mundo do Trabalho), 2014. 192 pp.



Em livro, filósofo afirma que Estado precisa ter novo papel.
Obra de István Mészáros defende nova relação entre o trabalho e o capital
Gitânio Fortes, Colaboração para a *Folha de São Paulo*
(caderno “Mercado”, 9/5/2015)

O livro *A montanha que devemos conquistar. Reflexões acerca do Estado* pode ser definido como um ensaio. Não no sentido acadêmico, mas de preparação mesmo, de algo que não chegou à sua forma final. Isso, porém, não o deprecia.

Nota da introdução descreve o texto do filósofo húngaro István Mészáros como versão expandida de palestras realizadas no fim de 2013 em quatro universidades brasileiras. Toda essa pensata desencadeou um estudo que fará parte do volume “A Crítica do Estado”.

Pela amostra, pode-se esperar muito da “Crítica”. O título do livro pode ser interpretado como uma proposta socialista para mudar o papel do Estado, que deve deixar de priorizar o capital, delineador da ordem socioeconômica dos últimos séculos.

A montanha que devemos conquistar deveria ser leitura obrigatória para líderes de esquerda no poder. A América bolivariana, o governo de coalizão no Brasil enredado no Congresso e as negociações do resgate da economia ilustram bem os desafios apontados por Mészáros.

Professor emérito da Universidade de Sussex (Reino Unido), o autor defende um modelo econômico em que a acumulação capitalista se torne

coadjuvante. O protagonismo deve caber à decisão sobre o uso do tempo dedicado ao trabalho por quem trabalha. Trata-se de uma nova livre iniciativa, determinada por “metas autodeterminadas” dos indivíduos.

A motivação para essa alternativa socialista vai além de um conceito político, que poderia até ser qualificado como ingênuo ou utópico. Liga-se à sobrevivência planetária. Pelo esgotamento dos recursos naturais, a necessidade de acumulação capitalista submete a humanidade ao risco de extinção, reforçado pelo poderio militar, que também serve à lógica do capital. Afinal, o aparentemente adormecido arsenal nuclear sob as atuais e antigas potências é capaz de destruir o mundo várias vezes.

Tarefa simples? Com certeza não. Muito menos tranquila. O autor, herdeiro intelectual do seu compatriota marxista György Lukács, de quem foi assistente no Instituto de Estética de Budapeste, define a altura da montanha como a de muitos Himalaias.

A estratégia que Mészáros sugere também evita soluções rasteiras derivadas de utopias totalitárias. Está aí o colapso da União Soviética para provar que tudo o que é derrubado pode ser restaurado –até o frágil capitalismo russo.

Mészáros busca o conceito de democracia substantiva para contrapor-se ao modelo representativo, que prevalece atualmente no mundo ocidental, marcado pela corrupção fácil e pelo vazio legislativo político.

Reforma

Uma vez no exercício do poder, os socialistas, na busca de priorizar o trabalho, devem mirar o “fenecimento” do Estado. Uma analogia ilumina a ideia. Não se trata de destruir um prédio e erguer outro. Capital, trabalho e Estado estão tão ligados que não se pode abolir nenhum dos três por decreto. É como entrar nesse prédio e começar a reformá-lo por dentro. A vida deve continuar na casa escorada durante a reconstrução.

A abolição do sistema do trabalho assalariado e a libertação dos “produtores associados” não se darão de uma hora para outra, mas por “transições dentro da transição”, pelas “revoluções dentro da revolução”. O processo demanda tempo, muito tempo.

Ao defender esse caminho, Mészáros desmonta teorias de outros pensadores, que eternizam pressupostos da Teoria do Estado Liberal. Entre eles estão Georg Wilhelm Friedrich Hegel, Thomas Hobbes, John Austin e Jeremy Bentham, estudados com afinco na academia.

Após o prefácio, a introdução, sete capítulos e a conclusão, a edição brasileira conta com dois apêndices. O capítulo 13 de outra obra do autor, *Para Além do Capital*, intitulado “Como Poderia o Estado Fenecer?”, e entrevista de Mészáros à jornalista da *Folha* Eleonora de Lucena publicada na “Ilustríssima” de 17 de novembro de 2013.